

## VER para LER

GRAÇA LOBO

*Direcção Regional de Educação do Algarve, Faro, Algarve*  
graca.lobos@dre.alg.min-edu.com

ISA CATARINA MATEUS

*Direcção Regional de Educação do Algarve, Faro, Algarve*  
icatmat@gmail.com

### Resumo:

**VER para LER** desenvolve-se por projetos cujo mote de cada um é encontrado no interior do filme ou do livro, através de uma sucessão de atividades concebidas para esses objetos artísticos não contemplados no programa curricular. Onde se explora e aprofunda a construção de sentido. Dos conhecimentos adquiridos na escola e fora da escola para mais se apreender e melhor se compreender e intervir no mundo. Para que a pegada humana deixe menos lixo e mais arte. Partindo da experiência de VER um filme, à leitura do mesmo filme; da compreensão da obra literária mais próxima ao filme à comunicação oral e visual da experiência escrita. Em todos os momentos de cada projeto **VER para LER** se tenta ultrapassar o ato de VER para o ato de LER. Pressupondo-se assim, um entendimento alargado e profundo da noção de leitura bem como de um apuramento vasto do sentido do olhar. Que cumula, para além das imagens em movimento (cinema) e da leitura literária, as imagens fixas (plásticas e visuais) e as imagens sonoras (música) cuja relevância de conexões seja premente na obra fílmica e na obra literária em estudo.

Onde o evento – nunca inicial é só mais uma atividade protagonizada pelos participantes/intervenientes que são os motores das atividades e os autores dos produtos. Acompanhados pelos professores das turmas, pelo professor bibliotecário e equipa e pelas coordenadoras do **VER para LER**.

### Palavras-chave:

Oficinas, cinema, literatura, literacia, cidadania.

---

## O Estado da questão

No princípio era...

o Cinema: Trabalhado em sala de aula por professores das mais diversas áreas disciplinares segundo materiais pedagógicos previamente fornecidos e outros de apoio explorados em formação preliminar e intercalar entre professores e a coordenadora dos projectos de Cinema nas escolas do Algarve, em curso desde 1997. Cujo percurso de aprendizagem dos alunos começa com a deslocação à sala de cinema da localidade mais próxima à escola para a exibição de uma película. Onde encontram outros colegas de outras escolas no mesmo nível de ensino do Cinema. E culmina, no fim do ano lectivo, exactamente nesse espaço com a `Festa do Cinema` onde se averiguam conhecimentos e se apuram os níveis de qualidade (num Jogo chamado *A Febre do Cinema*) e onde se assiste a mais um filme sempre comentado intercalado por um programa de atividades de

expressão artística livre apresentado pelas turmas das escolas envolvidas e da exibição dos exercícios fílmicos baseados nos filmes vistos e explorados durante o ano lectivo.

a Literatura: extra curricular. E as bibliotecas escolares a impulsionarem projectos de promoção da leitura. Que acontece nas escolas de uma forma agradável pela via da oralidade. E entre performances artísticas divulgando autores clássicos; com os autores de obras recém-publicadas apresentando-as e dando-se a conhecer na curiosidade emergente da visita a plateias constituídas por várias turmas.

Depois veio a ligação entre estes dois mundos, que se podem pensar em conjunto e não hierarquizando qualquer destas artes. Melhor dizendo nasceu na Direcção Regional do Algarve do diálogo entre a responsável pelo Programa Juventude-Cinema-Escola, Graça Lobo e a responsável pela Rede Concelhia de Bibliotecas Escolares, Filomena Branco, uma colaboração que em 2009/2010 se materializou no Programa **VER para LER**.

Este é um Programa que através de vários projetos pretende alargar e diversificar as ações promotoras de leitura em contexto escolar, potenciar a atividade leitora e fomentar a avaliação crítica sobre o objeto artístico através da experimentação criativa.

Ao mesmo tempo potencia o acervo fílmico e bibliográfico das Bibliotecas Escolares, numa perspectiva intertextual.

E para operacionalizar este Programa, Isa Catarina Mateus desenhou uma estratégia de Oficinas de Leitura (do filme e do livro) e de Escrita que a seguir se reportam.

### **Arquitectura da sequência**

*Ver um filme* em sala de cinema, porque nada substitui a magia e o simbolismo da sala escura. Filme que é contextualizado pela Coordenadora do Programa JCE.

Encontrar uma obra literária para ser trabalhada – obra que foi adaptada a filme ou uma cujo tema se relacione. Com Adequação ao público-alvo e tentando procurar obras cujos temas pareçam relevantes para a faixa etária a que se destinam.

Desenvolver as Oficinas nas Bibliotecas Escolares, outro espaço simbólico por excelência. O Universo da leitura descolarizada.

E são as Bibliotecas Escolares que preparam o espaço; divulgam as atividades; disponibilizam em destaque vitrinas com títulos temáticos (que previamente se organiza); fora das oficinas apoiam os professores das turmas envolvidas na consecução dos trabalhos intermédios e orientam os alunos envolvidos na finalização dos seus produtos resultantes das Oficinas; divulgam os resultados das atividades desenvolvidas nas Oficinas; colaboram na execução das exposições de trabalhos.

Por fim e é só o princípio de uma outra História, divulgar os textos produzidos.

Os actores são os alunos, mas preferencialmente pretende-se abranger os que não têm cinema.

E os heróis são os professores. Tantas solicitações, tantos projetos que chegam às escolas...

E as atividades diversas são propostas por temas em concreto (Educação sexual, 25 de Abril...) ou tendo relação com questões que possam interessar os alunos e terem abordagens interdisciplinares (Conto Maravilhoso, Sociedade, o Mal...)

### **Actividades desenvolvidas**

- Com o 1º ciclo da EB1 de Silves e EB1 de Altura e da Conceição (Na sequência do Dia Mundial da Alimentação). Total de alunos envolvidos – 120.

Visionamento do filme *A menina Gorda* de Pedro Lino, a partir do poema de Rui Ribeiro Couto dito por João Villaret. Actividades propostas: Leitura expressiva do poema; reescrita do poema com outro adjectivo (a menina magra...), pesquisa de imagens icónicas da gordura; compreensão do conceito de Belo através dos tempos e razões históricas para a sua definição.

- Com o 4º e o 5º ano dos 6 Agrupamentos de Escolas do Concelho de Faro (Actividade em torno do 25 de Abril). Total de alunos envolvidos – 420

Visionamento do filme *O Tesouro* de João Botelho e leitura da obra homónima de Manuel António Pina. Informação Histórica, Elaboração de textos em oficinas de escrita criativa. Exposição dos trabalhos em encontro com Otelo Saraiva de Carvalho.

- Com o 3º ciclo de 2 Escolas do Concelho de Faro – (Em colaboração com o Projecto Entrelinhas da Biblioteca Municipal de Faro). Total de alunos envolvidos – 125

Visionamento do filme *Inkheart* de Ian Softley e leitura de capítulos da obra homónima de Cornelia Funk. Oficinas de Leitura explorando as questões da adaptação. Oficinas de Escrita criativa, a partir do conceito de Herói e seguindo as estratégias de produção de conto maravilhoso. Exposição final dos trabalhos, leitura encenada e com construção de banda de sons, adaptação o texto a guião para ser filmado.

- Com o 3º ciclo do Agrupamento de Escolas do Montenegro (Integrado no Programa A LER + e inserido na Educação Sexual). Total de alunos envolvidos – 82

Visionamento do filme *Juno* de Jason Reitman e leitura de capítulos da obra *O meu Primeiro Beijo e outros traumas* de Adam Bagdasarian. Oficinas de leitura e escrita, privilegiando-se a escrita diarística.

- Com o 10º ano das 3 Escolas Secundárias do Concelho de Faro - (Em colaboração com o Projecto Entrelinhas da Biblioteca Municipal de Faro). Total de alunos envolvidos – 210

Visionamento do filme *O Deus das Moscas* de Harry Hook e leitura de capítulos da obra homónima de William Golding. Oficinas de Leitura conduzidas para uma reflexão sobre a organização da sociedade, o papel do grupo e das lideranças e a emergência do mal. Produção de textos. Publicação dos textos no Jornal e Blog da Escola.

### **A flexão no terreno**

O acento da seguinte expressão escrita que se apresenta sobre **VER para LER** centra-se em alguns aspetos reflexivos dos mundos que se vive e que se entrevê no contacto com os alunos. Não, de longe, a totalidade da intervenção nem o caminho percorrido nas práticas. Muito menos as evidências prestadas pela produção escrita que vigoram nos jornais e blogs escolares, nas exposições, nas mostras performativas, nos exercícios fílmicos sobre o processo. Mas o que ressalta das questões, das necessidades e exigências dos alunos, levantadas sobre a durabilidade e utilização dos saberes para além da avaliação formal na escola.

Nos preparativos de cada projeto são fornecidas linhas orientadoras às escolas sobre o projeto em questão, a sua consecução, guia didático para exploração nos currícula, sugestões de filmes e livros próximos de algum modo ao projeto afeto, além do apoio *in presentia*.

É premente a importância da definição dos momentos constituintes das sessões (ida ao Cinema, Oficinas, conclusão dos trabalhos, mostras, eventos), dos seus tempos de aplicabilidade e dos seus espaços ação e a sua valorização é feita de modo natural. Pois verifica-se uma maior responsabilidade e autonomia individual na consecução das atividades que se propõem. Por parte de todos os implicados, quer dos intervenientes/protagonistas (alunos participantes), quer de todos os elementos adultos (professores, equipa bibliotecária, coordenadoras **VER para LER**) que incorrem na orientação dos projetos.

Bem como a definição das expectativas dos intervenientes/protagonistas relativas à Oficina e ao formato de que esta se reveste está presente em todas as fases de cada projeto. Esta institui-se como um espaço de liberdade e de intimidade que privilegia a voz individual, a voz do grupo e a voz do mundo para se poder ajudar a elaborar o método, o percurso (individual e coletivo) de descodificação das obras que se apresentam; e a encontrar o percurso individual na experimentação da escrita.

A adequação às realidades de cada turma é a fase no processo onde se deve alterar ou refazer as estratégias inicialmente descritas na planificação. Considerando o ritmo dos alunos em presença, o seu grau de intervenção e a dinâmica de grupos. Sem desvirtuar os fins que se mostram relevantes desenvolver para o projeto em curso.

Começando as Oficinas sempre, após um breve enquadramento e do estabelecimento de definições afloradas atrás, por jogos de apresentação onde se procura um contacto ligeiro e tentando ser descomplexado na afirmação do eu, todos os jogos são o espaço da escrita e de aperfeiçoamento dos conhecimentos já adquiridos e dos outros (levantados pelo projeto em causa) que se incita. Aqui aproximamo-nos de trabalhos de grupo que tornam sensível mas aguda uma intervenção para a socialização e para a tomada de lugar no mundo.

Imprescindível também, é estabelecer definições de leitura e escrita e ir ampliando e testando as noções vigentes nos alunos. Tratando-se então de libertar o lado imagético e criar pistas para a descoberta de outras possibilidades de saberes e de mais realidades artísticas.

A redefinição de conceitos e a equação de conteúdos programáticos em constante abordagem fazem exercitar a fluência de oscilação entre raciocínios abstratos e concretos que se preconiza para que os intervenientes/protagonistas adquiram uma maior elasticidade de raciocínio e consigam trilhar laços interdisciplinares.

Mas a escrita é livre. Se bem que partindo sempre de um elemento (constituente de linguagem sintática ou semântica) que se destaca das obras fílmica e literária em estudo, tenta-se chegar à produção de sentido passando pelo essencial de uma reescrita para se vivenciar a experiência criativa. Espaço onde cada um individualmente ou discutindo em grupo apura as noções apresentadas e solicitadas de uma forma tão pessoal que surgem diversos tipos de texto (diarístico, dramático, poético, narrativo...) dentro do mesmo corpus de abordagem.

Pela aquisição de uma tomada de consciência e respeito pelo próprio texto que produzem encontram possível um espaço para a valorização dos seus produtos e torna-se imprescindível para fecho de ciclo a visibilidade através de fórmulas que eles próprios encontram e também protagonizam.

O processo cumpre-se no tempo de cada um. O processo é importante mais que os resultados atingíveis. Nunca se pressiona o resultado nem nunca se conduz de uma forma impositiva. Porque não se trata de uma aula e nada é para os avaliar, o apelo é feito às aprendizagens formais e não formais no sentido de um Desafio ao desenvolvimento e também à fruição.

"Todos diferentes, todos banais e todos especiais". Reside a montante a ideia chave de que todos somos capazes. Todos temos uma opinião. Todos encontramos um espaço para aceitar as opiniões diversas.

Os alunos menos adaptados sentem que têm voz e que é possível o encontro de algo interessante neles próprios.

Por outro lado, se estes trabalhos não têm uma avaliação formal própria das matérias em sala de aula, liberdade também é sinónimo de reflexão sobre o processo, através da auto e hetero-avaliação. Esta é uma outra avaliação que não se materializa numa classificação, mas si no empenho de cada um.

Bem como se reforça esse empenho através de um certificado de participação para todos os alunos, no sentido de lhes conferir auto-estima e os envolver no sentimento de que fizeram parte activa do processo. Certifica: ter estado, ter sido.

### **A reflexão no terreno**

‘ A pedrinha na engrenagem ’

Se é difícil, complicado e doloroso ser criativo e deixar uma marca para a posteridade ... o curto tempo para a realização que tivemos dificultou ainda mais mas todos foram capazes! Todos foram, também, criativos.

Portanto, é possível.

Torná-los escritores não era o objetivo até porque o ato de escrever não é a forma privilegiada de todos se expressarem artisticamente. Mas é a única a que todos, mesmo todos têm oportunidade de experimentar e vivenciar.

E de, com isso, perceber... que é o recurso mais próximo e presente na vida de cada um!

Porque a linguagem torna presente momentaneamente aquilo que não está.

A inspiração nem sempre está presente. E, sobretudo, quando queremos ela não está lá, falhamos e atraímo-nos.

Daí que, o método faz a diferença. É o método que cada um encontra que torna a escrita possível de acontecer. E é a combinação das nossas palavras que torna pessoal e único o discurso e o texto.

Escrever mexe com cada um individualmente: tem que se lutar com e contra muita coisa invisível e se calhar, indizível.

Está em causa um ser perante si próprio. A sua individualidade perante a sua solidão e... deixar uma marca escrita prestes a ser comunicada. Uma marca que já tantos até hoje discutiram/ debateram e disseram!

As escolhas, os porquês, as desistências, as resoluções, as substituições... são tantas as questões que se vivem durante o processo de escrita que não se dizem! Que, aos olhos de quem lê o que está escrito, parece um produto simples.

Constata-se também que,

Todo o percurso que se faz até se encontrar uma obra de arte acabada tem várias fases, vários momentos também e, às vezes, a meio ou no fim há que desistir de um elemento para dar lugar a outro que entretanto se gostou mais ou que parece fazer mais sentido.

Mas, nada é trabalho nem tempo perdido!

Podemos e devemos aproveitar esse material que deixámos pelo caminho para outras atividades, para outros percursos; ou aplicá-los de determinada maneira que nos parece viável. Como tem sido pensado pelos intervenientes através da comunicação nos jornais escolares, blogs, das exposições visuais, da performance e no encontro com outras pessoas de relevo na história e na cultura nacional.

(Texto produzido por Isa Catarina Mateus e lido no final das Oficinas do Ensino Secundário)

## Conclusões

Como é possível perceber pela sumária descrição das actividades e pelas reflexões apontadas foram encontradas respostas e objectos artísticos diversificados para cada um dos projectos em presença, tentando o mais possível convergir e expandir os interesses dos alunos no campo das artes. Numa perspectiva de consolidação dos conhecimentos adquiridos na escola, ampliando-os pela curiosidade, pelo desafio de se encontrar soluções aos problemas levantados por dado assunto. Transpondo e tentando mostrar aplicabilidades possíveis sobre o saber da escola na vida quotidiana. Ou seja, do poder da literacia e da importância da criatividade nos pequenos momentos da ação humana no dia-a-dia.

Os projetos do Programa *VER para LER* pretendem atuar em termos de uma descoberta do EU, de uma hipótese metodológica para a receção crítica. Dando pistas para a análise das obras, na expectativa de autonomizar os alunos nas suas escolhas, mas munindo-os de ferramentas para a interpretação, balizando também essa interpretação. Atuando em termos estéticos e sócio-afetivos-para responder / ajudar ao processo de individuação e de interpretação do mundo. Numa lógica de conhecimento em espiral e não cumulativa e linear.

E o princípio de uma outra história que ficou suspensa é este – é sabermos que o diálogo não acaba aqui e vários têm sido os alunos que nos contactam (nos corredores, por e-mail) no sentido de saberem que outros livros, filmes, músicas, ou quadros se aconselha, ou para pedirem indicações para melhorarem os seus textos.

E a história poderá ter um final feliz: algum ou alguns alunos poderão alcançar a(s) leitura(s) do mundo através do prazer da Arte ...ou poderão deixar a sua impressão digital no mundo.

## Notas Finais

É fundamental ter presente, respeitar e valorizar *O gosto dos outros* (filme de Agnès Jaoui, 2001) e *Ler os clássicos* como nos interpela Italo Calvino (*Porquê ler os clássicos? Ed. Teorema, 2009*)

É imprescindível conhecer a nossa ascendência, compreender os outros e interpretar a sua história para nos contextualizarmos no presente e nos adaptarmos às solicitações dos alunos, dos professores, das bibliotecas e das produções artísticas

Assim, torna-se essencial conhecer o trabalho de investigação e de práticas da Doutora Maria de Lourdes Dionísio. Bem como, António Prole e visitar com frequência a Casa da Leitura ([www.casadaleitura.org](http://www.casadaleitura.org)) com todos os seus espaços; as práticas da Fundação Oriente e os programas da Fundação Calouste Gulbenkian, da Direcção Geral do Livro e da Biblioteca.

**Bibliografia**

AA VV, *Formar Leitores para Ler o Mundo: depoimentos*

Aguilar, Pilar (1996) *Manual del Espectador Inteligente*, Madrid, Ed. Fundamentos, Col. Arte, nº114

Castro, Marcela, (2001) Entrevista a Teresa Colomer, “La lectura de ficción enseña a leer”, *El Monitor de la Educación* (Argentina). Año 2, Núm. 4

Cristóvam-Bellmann, Isabel e Gil, José, (1999) A construção do corpo ou exemplos de escrita criativa, Porto Editora, col. *Mundo de saberes*, nº24, pp. – 15 a 30

Geadá, Eduardo (1998) - *Os Mundos do Cinema - Modelos dramáticos e narrativos no período clássico*, Lisboa, Ed. Notícias, Col. Artes e Ideias

Gomez, José Ignacio Aguaded (org.) *Rev. Comunicar*, nº 4, 1995, e nº 11, 1998 - El Cine en las Aulas, Huelva, Ed. Grupo Comunicar

Grilo, João Mário (2007) *As Lições do Cinema – Manual de Filmologia*, Edições Colibri, 1º ed.

Lobo, Graça (1999). *Formação de Públicos para Cinema*, Universidade do Algarve.

Mata, Lourdes, Avaliação de Conhecimentos sobre a funcionalidade da Linguagem Escrita, Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Braga: Universidade do Minho/Psiquilíbrios Edições.

Monteiro, Paulo Filipe (1996) *Os Outros da Arte*, Oeiras, Ed. Celta.

Morin, Edgar (1980) *O Cinema ou o Homem Imaginário - Ensaio de Antropologia*, Lisboa, Moraes Editores, Col. Mundo Imediato, nº 7, 2ª edição.

Moscariello, Angelo, (1985) *Como ver um filme*, Lisboa, Ed. Presença.

Norton, Cristina, (2001) *Os mecanismos de escrita criativa*, Temas e Debates.

Pereira, Luísa Álvares, *A formação de professores para o ensino da escrita*,

Prole, António, *A experiência das Comunidades de Leitores em Portugal, Da literatura à vida, da vida à literatura*

Sim-Sim, Inês, (1998) *Desenvolvimento da Linguagem*, Lisboa, Universidade Aberta.

Teberosky, Ana e Colomer, Teresa, (2003) *Aprender a Ler e a Escrever: Uma proposta cognitiva*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1ª ed.

Vieira, Margarida Magalhães, (1996). *Voz e relação educativa*, ed. Afrontamento, col. *Polígono*,

